

# LEITURAS E LEITORES: A CONSTITUIÇÃO LEITORA RURAL NO ALTO SERTÃO DA BAHIA

Joice Gomes Xavier<sup>1</sup>

Marília Nunes da Silva<sup>2</sup>

Zélia Malheiro Marques<sup>3</sup>

## RESUMO

Este texto busca analisar a importância da constituição leitora em espaços comunitários rurais da Região denominada Alto Sertão da Bahia<sup>4</sup>. Com Projeto Casa de Cultura: nossas leituras e outros mundos, Iniciação Científica, PICIN/UNEB, 2014-2015, elegemos narrativas pessoais e sociais que caracterizam o processo de formação do leitor. Para isso, foram planejados encontros de leitura, pela abordagem autobiográfica, que estão sendo realizados, levando-se em conta as histórias de vida. Os leitores produzem textos verbais ou não pelas condições requeridas, buscando o fazer artístico e criativo muito pertinente nesse processo leitor. Este recorte do trabalho revela parte das atividades em desenvolvimento, especificamente, falando das experiências que estão sendo vivenciadas, nas comunidades rurais de Campinas, município de Caetité/Bahia e de Barreiro da Conceição em Igaporã/Bahia. Desses lugares, leituras e leitores estão revelando singularidades da cultura regional possibilidades de importantes discussões em confronto com outras propostas de preservação das leituras culturais, contribuindo para a ressignificação de práticas de leitura, além de apoiar leitores no processo de constituição leitora. A proposta, portanto, está em funcionamento em comunidades rurais desta região e favorecendo discussões aos leitores na perspectiva de apoio ao conhecimento identitário e ao desenvolvimento sustentável regional.

**PALAVRAS – CHAVE: Casa de Cultura; Constituição Leitora; Abordagem Autobiográfica; Leitores Rurais.**

---

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Letras com Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus VI e Bolsista de Iniciação Científica - PICIN/UNEB. E-mail: joice.xavierletras@gmail.com

<sup>2</sup>Graduanda do Curso de Geografia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus VI e Bolsista de Iniciação Científica - PICIN/UNEB. E-mail: marilia.12@hotmail.com

<sup>3</sup>Orientadora do Projeto: Casa de Cultura: nossas leituras e outros mundos. Iniciação Científica PICIN/UNEB, 2014-2015. Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus VI. E-mail: zeliacte@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Cf. Ref., o Alto Sertão Baiano configura-se como “[...] região semiárida, demarcada pelos fenômenos climáticos; região do sertão, caracterizada pela morfologia da vegetação; região do Alto Sertão da Bahia referenciada na posição relativa ao curso do rio São Francisco na Bahia e ao relevo baiano, que ali projeta as maiores altitudes”. (1998, p. 22).

## **ABSTRACT**

This text seeks to analyze the importance of reader constitution in rural community areas of the region called Alto Sertão of Bahia. With Culture House Project: our readings and other worlds, Scientific Initiation, Picin / UNEB, 2014-2015, elected personal and social narratives featuring the reader of the training process. For this, read meetings were planned for the autobiographical approach being made, taking into account the life stories. Readers produce verbal texts or not the required conditions, seeking the very pertinent artistic and creative make this reader process. This cut the work reveals part of the activities in development, specifically speaking of the experiences that are being experienced in rural communities of Campinas city of Caetitê / Bahia and Barreiro da Conceição in Igaporã / Bahia. These places, readings and readers are revealing singularities of regional culture and opportunities for important discussions in comparison with other proposals to preserve cultural readings, contributing to the redefinition of reading practices, and support readers in reader constitution process. The proposal, therefore, is operating in rural communities of this region and encouraging discussions readers a view to support the identity and knowledge to regional sustainable development.

**KEY - WORDS: Cultural House; Reader Constitution; Autobiographical approach; Rural readers.**

### **1. Escolas rurais: olhares e implicações**

Na zona rural, a escola está desligada da sociedade. Ela é uma instituição importante, uma forma de elevação do *status* social, uma forma de melhorar de vida; um elemento para entender as modernidades que são introduzidas no campo (TRINDADE e WERLE, 2012, p. 32).

É notável que boa partedas escolas rurais carecem de recursos e são marcadas pelo desinteresse político-social. Para entender um pouco sobre as dificuldades existentes nesses lugares, olhares e implicações podem vir em forma de pequenas iniciativas, apoiando leitores a se conhecerem melhor e, também, o lugar em que vivem.

Nas comunidades rurais, escolas multisseriadas, por muito tempo, esse formato esteve como possibilidade, um mecanismo para apoiar pessoas que viviam distanciadas das escolas dos grandes centros e de outros serviços públicos, como destaca Marques (2009), moradores rurais resistiram em não perder suas escolas multisseriadas e lutaram para não desativá-las. Alguns preferiram conservar as escolas multisseriadas, entendendo que elas representavam o contato com o poder público e uma forma de não ficarem esquecidos nos espaços rurais:

Nas últimas décadas, observou-se, especialmente no que seria, tendencialmente, uma baixa classe média rural, que muitas pessoas optavam por mudar para a cidade para assegurar aos filhos o acesso à escola e para escapar, também da escola rural cheia de limitações e de improvisos, mais uma escola para alfabetizar do que para educar. Portanto, tanto a falta quanto a presença desse tipo de escola na zona rural tem aparecido, com frequência, como um fator de migrações. Isso nos põe diante do fato de as populações rurais demandam uma escola rural diversa da que conhecemos, menos para permanecer no campo do que para integrar-se de modo apropriado nas promessas da sociedade moderna desenvolvida (MARTINS, 2005).

Vimos que essa mudança do rural para a cidade levou muitas pessoas a trocaram residência e foram para as cidades, na perspectiva de assegurar aos filhos o acesso à escola de qualidade, uma vez que a escola rural sempre cumpriu função de alfabetização. As discussões são exigentes e merecedoras de amplos debates, o que nos leva a visualizar os muitos desafios e lacuna, parecendo exigir-nos formas de diálogo. Sem essa pretensão, no momento, entendemos ser prudente direcionar nossas discussões ao que se faz possível, ou seja, à apresentação de iniciativas que estão como soma a outras e que podem representar uma possibilidade de instigar esse necessário debate nessas terras sertanejas.

O projeto Casa de Cultura: nossas leituras e outros mundos, após conquista da Iniciação Científica vem mapeando lugares onde funcionaram as escolas multisseriadas e, conforme possibilidade, está apoiando os leitores rurais com o processo de constituição leitora e com a construção de casas de culturas, ressignificando antigas escolas multisseriadas, cujos espaços, muitos estão ociosos nesta região.

Embora sejam poucos lugares em contato para esse fim de desenvolvimentos das práticas culturais e de constituição do que estamos chamando de casa de cultura, a proposta tem sido interessante e muito aceita entre os colaboradores da pesquisa pelo conhecimento identitário: “[...] a identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão” (NÓVOA, 1992. p, 16).

Ao pensar essa identidade, como lugar de lutas e de conflitos, entendemos que a constituição leitora deva ser entrelaçada ao contexto histórico-cultural, situando-o, conforme sua caracterização e pela sua cultura e pela relação com o mundo da leitura. Com esse intuito, narrativas pessoais e sociais estão sendo catalogadas no processo de realização de encontros de leitura que caracterizam a formação do leitor, suas histórias de vida e o modo como se fizeram leitores, cujas marcas são indicadoras da ausência de impressos e das precárias condições formativas.

Essas características são visíveis e estão na memória do povo em reafirmação com a de quem realiza esses estudos: “[...]esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, [...]” (HALBWACHS, 1990, p. 34).

Com essas lembranças reconhecidas e reconstruídas o projeto vem sendo desenvolvido, localizando-se, normalmente, entre dois eixos temáticos da pesquisa, a formação e a leitura, buscando ancorar-se em estudos como os de Nóvoa (1992), Pineau (1999), Josso (2004), Souza (2006), Chartier (2001), Lacerda (2003), Cordeiro (2006), Abreu et al (2007), dentre outros, pela explicitação das narrativas de vida, “[...] é evidente que o adulto tem que construir a sua própria formação com base num balanço de vida [...]” (NÓVOA, 1988, p. 115).

Com esses estudos produzidos pela História Cultural, campo de investigação mais alargado, a constituição leitora aparece imbricado entre leitura, cultura e sociedade, entendendo a leitura como prática cultural, Chartier (2001, p. 36): “[...] pensar que os atos de leitura que dão aos textos significações plurais e móveis situam-se no encontro de maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras [...]”.

Entre modos de publicação, comunicação e recepção da palavra escrita em constantes modificações, faz-se necessário maior envolvimento com esses estudos para prosseguir com os desafios desta pesquisa, entrelaçando-a, conforme a necessidade do trabalho. É a identidade que possibilita ao sujeito imprimir sua marca no mundo ao mesmo tempo em que concebe ao mundo o direito de torná-lo como seu pertence, como acena Barreto (2006), ao considerar que a identidade não um simples dado biológico, mas uma construção histórico-cultural complexa, implicando as várias esferas que constituem o ser humano.

## **2. Histórias de si: repensando a constituição leitora em espaços rurais**

Pensamos os encontros de leitura e, nesse processo de realização, as dificuldades estão visíveis contrapondo com riquezas culturais e dando suporte às comunidades rurais do município de Caetité, povoado de Campinas, Santa Luzia e, ainda, no município de Igarorã, comunidade de Barreiro da Conceição, lugares empíricos desta pesquisa.

Em contato com experiências de outras épocas, encontramos, nesses lugares, práticas leitoras desenvolvidas por professores municipais pela construção de livretos que dialogam com a formação de leitura. Identificamos isso no grupo leitor do Colégio Dom Manoel

Raimundo de Melo, escola da comunidade de Santa Luzia, proposta de leitura que já havia sido implantada em outras regiões circunvizinhas, através do projeto Crescendo, Construindo e Escrevendo a minha História que gerou narrativas intituladas “Revelando um pouco de mim”:

A escola é o orgulho da região, os alunos que por ela passam estão brilhando mundo a fora, temos ex-alunos que hoje são professor, outros funcionários do colégio e outros estão cursando ensino superior. São esses exemplos que nos dão motivação para vencer nos estudos, espero um dia servir de exemplo para os novos alunos e quem sabe voltar para o colégio como mestre e aí poderei compartilhar tudo o que aprendi [...]<sup>5</sup>.

Essas memórias, leituras dos tempos de infância até a adolescência dos leitores vieram para o processo dos encontros de leitura deste projeto, dando-lhe representação e maiores significados e nos revelando o quanto é necessário realizar parcerias acadêmicas em lugares como os rurais. Vimos, na localidade, que o projeto deste livro é objetivo que está em pleno vigor, indicando campo de continuidade na atuação de propostas para as leituras culturais.

Essas práticas leitoras estão presentes e aparecem, além dos impressos, podendo, nas possibilidades do ato de ler, nesses tempos atuais, favorecer modos diferentes para perceber que essas histórias são significativas para a construção do leitor, utilizando-as, como forma de reflexão: “[...]Recorrer a esse dispositivo requer rupturas, sim, mas nos desafia e nos revigora, ao reconhecer que, entre o eu, o outro e o contexto, tramas se cruzam/se entrecruzam [...]” (SOUZA e CORDEIRO, 2007, p. 48).

Pelas narrativas de leitura que se entrelaçam, os diários produzidos, tanto os pessoais, quanto os que foram produzidos em grupos, somam-se a outras histórias para o necessário suporte do conhecimento pessoal e social dos colaboradores da pesquisa que estão em lugares rurais pela realização de encontros de leitura e pelo apoio aos leitores no processo de conhecimento identitário, pensando esse diálogo com outras culturas.

De abordagem autobiográfica, nesta pesquisa, utilizamos o registro das narrativas leitoras, envolvendo o leitor na compreensão do ato de ler além dos impressos e buscando estabelecer processo teórico-metodológico em que histórias leitoras de pesquisadores e pesquisandos fiquem em diálogo pelo conhecimento das histórias de vida. Nesse processo, ações como planejamento e realização de encontros de leitura têm favorecido

---

<sup>5</sup>Proposta iniciada em 2009, pertencente ao Colégio Dom Manoel Raimundo de Melo. O depoimento é de Elexandro Rodrigues, ex-aluno desta escola, hoje, graduando em Letras/Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus VI.

narrativas, como observamos nos fragmentos dos leitores das comunidades em estudo. Em Barreiro da Conceição, por exemplo, um dos leitores assim revelou: “[...] mim fiz leitor, através de figuras observando muitas fotografias, desenhos e histórias ai comecei a gostar, quando entrei na escola comecei a aprender a ler bem melhor [...]”. Outro colaborador da pesquisa disse:

Entre na escola com 3 anos, me lembro que a tia da escola, fazia pontinhos para cobrir depois foi as vogais...Ai mudei pra outro lugar foi quando meu pai que era meu professor e me alfabetizou, de lá pra cá eu passei a tomar gosto pela leitura onde escrevia muito e li alguns livros de historinhas, foi passando tempo e eu quase não tinha tempo e também tenho um pouco de preguiça.

Constatamos, a ausência de muitos impressos no mundo mais próximo ao leitor e vimos o quanto é importante o incentivo e a mediação leitora na figura do professor, principalmente, quando se tem vínculo afetivo, levando-nos a pensar a relação leitura e o prazer de ler em ambientes de segurança e de familiaridade. A respeito da história do lugar, um leitor assim relatou:

Eu moro na conceição. Na conceição tem muitas histórias de lendas, e até hoje ainda tem história e esse lugar que os mais velhos diz já ter vido, mas eu nunca vi. Na Conceição antigamente tinha muita pobreza, muitos povos ricos, mas naquele tempo quem era rico, não ajudava os mais pobres, muitas fez aproveitar da humildade deles, faziam maldades com os pobres faziam eles trabalhar e os que naqueles tempos ricos que hoje não tem mais nada e sozinhos. Ficavam com tudo e não davam nada aos pobres.

A narrativa revelou as dificuldades da gramática normativa por parte do leitor, no entanto foi, também, indicadora de conhecimento de mundo, realçando situações de injustiças, a divisão de classes que gera a desigualdade social. Narrativas oriundas da outra comunidade rural em estudo revelaram variedades de instrumentos leitores no seu processo formativo: “eu a predir a ler atraves de livros atraves das palcas televisão caderno[...]”. “Eu aprendir com minha maé. Ler as coisas as pacas os Livros as latas de oléo e em Caetité tudo eu lia [...]”<sup>6</sup>.

As leituras e leitores das comunidades rurais em estudo têm marcas de identidade no que se refere ao processo de constituição leitora. Vimos as dificuldades de ensino e de

---

<sup>6</sup> Alunos do 5º ano da escola José Ferreira Pinto, Campinas – Santa Luzia e colaboradores da pesquisa.

aprendizagem, a falta de impressos e a ausência de práticas de leituras que os levem ao despertar literário.

Além dos encontros de leitura em desenvolvimento, nessas comunidades, estamos realizando organização de pequenos arquivos para preservar narrativas leitoras identificadas. Também, estamos em processo de apoio aos leitores no sentido de construção de casa de cultura no local na perspectiva de manter esse constante diálogo com as diversas culturas.

### **Considerações finais**

Sabemos que, na constituição do leitor, o processo formativo é de relevância pela possibilidade de provocar mudanças, em suas vidas, por mais sutis que sejam. Sendo assim, é importante entender que falar sobre formação leitora e identitária é falar não somente de um dado construído e acabado, mas do que pode ser conquistado pelo processo de constituição do leitor.

Diante do que temos visto até aqui, tem-se a ideia de propiciar valorização das narrativas locais em diálogo com as culturas, através da constituição das leituras pessoais e sociais, buscando pensar a relevância do entrelaçamento das histórias de vida em diversos lugares, na expectativa contribuir com o leitor dos espaços rurais, seja pela realização de encontros de leitura, seja pelo apoio à organização de casa de cultura comunitária.

Essa valorização de narrativas da oralidade regional poderá ser inserida para favorecer e ampliar o debate, realizando, quando possível, parceria com outros projetos que buscam pensar a região e incentivar o diálogo com outras culturas, tanto as urbanas, quanto as rurais, lugares que enfrentam desafios e que precisam de sérias discussões para o enfrentamento ao conhecimento identitário e ao desenvolvimento sustentável regional.

### **Referências**

ABREU, M. (Org.). Percursos da leitura. In: ABREU, M. **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2007, pp. 9-15.

BARRETO, A. M. **Memória e Leitura**: as categorias das produções de sentidos. Prefácio de Vanda Angélica da Cunha. Salvador: EDUFBA, 2006, 192p.

CHARTIER, R. (org). Do livro à leitura. In: \_\_\_\_\_. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, pp.35-73.

CORDEIRO, V. M. R. Os bastidores da leitura: práticas e representações ou do lixo à biblioteca. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA – II CIPA, 2006. Salvador, **Anais do CIPA**, Salvador, 2006.

HALBAWAHS. M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértices, 1990, 189p.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Prefácio António Nóvoa; revisão científica, apresentação e notas à edição brasileira Cecília Warschauer; tradução José Claudino e Júlia Ferreira; adaptação à edição brasileira Maria Vianna. – São Paulo: Cortez, 2004, 285p.

LACERDA, L. de. **Álbum de leitura; memórias de vida, histórias de leitura**. São Paulo: UNESP, 2003, 498p.

MARTINS, J. de S. Educação rural e o desenraizamento do educador. Revista Espaço Acadêmico, ano V. n. 49, jun. 2005. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/049/49cmartins.htm>. Acesso em: 10 abr. 2015.

MARQUES, Z. M. **Entre viagens, Leitura e Leitores: A itinerância da Biblioteca Anísio Teixeira**. Dissertação(Mestrado). Salvador, UNEB, 2009.

NEVES, E. F. **Uma Comunidade Sertaneja: da sesmaria ao minifúndio**(um estudo de história regional e Local). Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia; Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 1998, p.353.

NÓVOA, A. **Vida de Professores**. Porto: Porto Ed. 1992, 215p.

PINEAU, G. Experiências de aprendizagem e Histórias de vida IN Carré, P.; G, P. **Tratado das Ciências e das Técnicas de Formação**. Col. Horizontes Pedagógicos, Instituto Piaget, Porto Alegre, 1999.

SOUZA, E. C. de. A caminho da roça: olhares, implicações e partilhas. In SOUZA, E. C. de (org). **Educação e ruralidades: Memórias e narrativas (auto)biográficas**. EDUFBA, Salvador, 2012, p.17-28.

SOUZA, E. C. de. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006, 184p.

SOUZA, E. C. de; CORDEIRO, V. M. R. Por entre escritas, diários e registros de formação. Revista de educação **PRESENTE**, Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica, Salvador, Ano 15, n. 2, p. 44-49, jun./2007.

TRINDADE, L. M. e WERLE, F. O. C. O ensino no meio rural: uma prática em extinção. In: SOUZA, E. C. de (org). **Educação e ruralidades: Memórias e narrativas (auto)biográficas**. EDUFBA, Salvador, 2012, p. 31-50.



